



DIRETRIZES CURRICULARES E O FILÓSOFO

Roberto Leal Lobo e Silva Filho

O Ministério da Educação vem anunciando que os processos de credenciamento de instituições e cursos de nível superior deverão passar pela análise do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). O PDI deve, muito corretamente, ser precedido por uma auto-avaliação institucional, elemento essencial de auto-reflexão que, se bem feita e levada a sério, é instrumento essencial para o aperfeiçoamento e as mudanças da organização.

A primeira fase do PDI deve ser a definição da missão institucional, quando a instituição declara a que veio, qual o seu papel social e quais as suas intenções. Em 1930, o filósofo espanhol Ortega y Gasset preocupou-se com o que seria a missão da nova universidade, daquela época. Em seu livro "Mision de la universidad" ele analisa o papel da universidade diante das mudanças que a sociedade certamente estava por passar.

Para Ortega y Gasset, a atividade de ensino nas universidades visava a formação de cientistas e de profissionais intelectuais. Esta última é feita em carreiras que, embora não gerem necessariamente novos conhecimentos científicos, deles se apropriam para resolver os problemas concretos do homem civilizado, o que exige profissionais em dia com os avanços da ciência e da cultura (hoje, se incluiria menção à tecnologia), relacionados à sua área de atuação. Enquanto a metodologia da educação de um cientista é a do aprofundamento vertical, da valorização da dúvida e do questionamento, a do profissional deve ser mais horizontal, erudita, valorizando mais as certezas e as respostas.

Neste sentido, a formação profissional, objetiva e mais formativa que informativa, deve ser complementada por outras atividades capazes de educar o estudante, além de transmitir-lhe as técnicas essenciais ao desenvolvimento de sua carreira.

Além disso, afirma o filósofo, a universidade deve voltar-se ao aluno médio (ainda que possa estabelecer programas especiais para os mais adiantados ou para os mais atrasados), dosando nos currículos o que ele é capaz de absorver naqueles poucos anos de universidade. Deve-se exigir o máximo conhecimento do conteúdo mínimo indispensável. É o oposto da visão de que todos os universitários devem ser considerados como pesquisadores em potencial e que longos currículos e as montanhas de informação são essenciais para a preparação de um bom profissional.



Dentro desta mesma linha de raciocínio, o que se denomina de ciclo básico, geralmente contestado por alunos e professores das áreas profissionais, é essencial para a boa formação do egresso, desde que o aluno seja levado a estudar assuntos importantes para o seu crescimento profissional, sem entrar em detalhes de técnicas demasiadamente específicos e necessários somente para os que desejem dedicar-se à investigação.

Importante, também, é compreender que o que é básico e fundamental para o estudante que pretende seguir uma carreira profissional não é só o que se convencionou definir como ciência básica. Nos EUA, o Instituto de Acreditação da Nova Inglaterra, fiel aos princípios da necessidade de uma formação cultural mais abrangente, exige que pelo menos 30% da carga horária dos estudantes seja tomada fora do campo de sua especialidade, para que os cursos possam candidatar-se à acreditação.

A introdução de três linguagens essenciais à moderna comunicação, o português, o inglês e a informática, na forma instrumental, para os estudantes que não demonstram domínio delas, ao iniciarem seus cursos, pode ser considerada uma realidade na maioria das instituições que dirigi ou assessoriei.

Se compararmos as propostas da UNESCO para o profissional do futuro, elaboradas no encontro sobre educação superior para o século XXI, podemos reconhecer muito do que nos propunha Ortega y Gasset, sessenta anos atrás.

Deve-se isto à grande visão do filósofo ou será que temos trabalhado pouco nestes anos para modernizar a universidade?

Parece que o desafio de formar esse profissional capaz de atender às necessidades de uma sociedade moderna em constante mutação ainda encontrará um obstáculo natural: a transposição dessa filosofia para a proposta das diretrizes curriculares e destas para a grade ou currículo de cada instituição de ensino superior deste País.